

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190302-4918>

**ANÁLISE DISCURSIVA DE GOVERNO COLOCA IDEOLOGIA
DE GÊNERO NO ENEM DO PASTOR SILAS MALAFAIA:
DISCURSO POLÍTICO, DA NATUREZA E DE ÓDIO
DISCURSIVE ANALYSIS OF GOVERNMENT PUTS
GENDER IDEOLOGY IN ENEM BY PASTOR SILAS MALAFAIA:
POLITICAL, NATURE AND HATE SPEECH
ANÁLISIS DISCURSIVO DE GOBIERNO PONE LA IDEOLOGÍA
DE GÉNERO EN EL ENEM POR EL PASTOR SILAS MALAFAIA:
DISCURSO POLÍTICO, DE NATURALEZA Y DE ODIO**

Letícia Jovelina Storto***Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)****Cornélio Procópio, PR, Brasil****Reinaldo César Zanardi******Universidade Estadual de Londrina (UEL)****Londrina, PR, Brasil****RECEBIDO EM: 24/07/18****APROVADO EM: 05/06/19**

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, segundo a Análise do Discurso, o texto do vídeo Governo coloca ideologia de gênero no Enem, do pastor Silas Malafaia. O vídeo foi publicado na página oficial do religioso no Facebook e em seu canal no YouTube, em novembro de 2015. A polêmica, na prova, foi gerada a partir de uma questão abordando uma frase da escritora francesa Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. No texto do pastor, emergem traços discursivos significativos: o discurso da natureza, o discurso político e o discurso de ódio. O discurso da natureza atesta que o gênero é determinado pelo sexo biológico; o discurso político atribui a destruição de valores da família à esquerda e ao Governo Federal, com propaganda eleitoral para grupos conservadores de direita; o discurso de ódio é manifestado na qualificação dos partidários da esquerda e no enejo de que eles sejam aniquilados pela política brasileira.

Palavras-chave: Análise do discurso. Discurso religioso. Mídia.

Abstract: The objective of this work is to analyze, grounded in Discourse Analysis, the text of the video Government puts gender ideology in Enem, by Pastor Silas Malafaia. The video was published on the official page of the religious on Facebook and on his YouTube channel, in November 2015. The controversy over the exam was caused by a question that approached a phrase of the French writer Simone de Beauvoir "One is not born, but rather becomes a

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7175-338X>. E-mail: leticiajstorto@gmail.com.

** Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor do curso de Jornalismo da UEL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2890-4063>. E-mail: rczanardi@gmail.com.

woman". In the pastor's text, significant discursive traits emerge: nature's discourse, political discourse and hate discourse. The discourse of nature assures that gender is determined by biological sex; political discourse attributes the destruction of family values to the leftist parties and to the Federal Government, with electoral propaganda for right-wing conservative parties; the hate speech is manifested in the qualification of leftist supporters and in the wish to annihilate them by Brazilian politics.

Keywords: Discourse analysis. Religious discourse. Media.

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar, según el Análisis del Discurso, el texto del video Gobierno coloca ideología de género en el Enem, del pastor Silas Malafaia. El video fue publicado en la página oficial del religioso en Facebook y en su canal de YouTube, en noviembre de 2015. La polémica, en la prueba, fue generada a partir de una cuestión, la cual abordó una frase de la escritora francesa Simone de Beauvoir, "Nadie nace mujer: se convierte en mujer". En el texto del pastor emergen rasgos discursivos significativos: el discurso de la naturaleza, el discurso político y el discurso de odio. El discurso de la naturaleza atestigua que el género es determinado por el sexo biológico; el discurso político atribuye la destrucción de valores de la familia a la izquierda y al Gobierno Federal, con propaganda electoral para grupos conservadores de derecha; el discurso de odio se manifiesta en la calificación de los partidarios de izquierda y en la oportunidad de ser aniquilados por la política brasileña.

Palabras clave: Análisis del discurso. Discurso religioso. Medios de comunicación.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na sociedade atual, um instrumento de produção e de disseminação de discursos é a mídia, entendida como o conjunto de veículos de comunicação em diferentes suportes: impresso, eletrônico e digital. Aliás, nos últimos anos, os veículos digitais têm ganhado mais audiência que os veículos tradicionais impressos, porque “a tecnologia digital permitiu que a distribuição da notícia passasse a ser de forma contínua e precisa, multiplicando a capacidade de transmissão de conteúdos” (MATTOS, 2013, p. 22). Além disso, a internet revolucionou vários aspectos da vida cotidiana, e não pode ser desprezado o papel desse meio na constituição discursiva.

Vários setores já perceberam a importância da internet na veiculação da informação, na disseminação da propaganda, na promoção do debate, na venda de produtos e na difusão de ideias. As igrejas também aderiram ao meio para levar seu discurso, difundir textos bíblicos e fazer pregações e propagandas. As páginas da *web* pertencentes a grupos religiosos proliferam no ambiente virtual, ocorrendo a “emergência de um ativismo político evangélico, não institucionalizado, com forte presença nas mídias digitais” (CUNHA, 2017, p. 221). Com isso, “não é mais possível compreender as religiões no mundo contemporâneo sem relacioná-las à comunicação e às mídias, nem é mais possível tratar as mídias sem levar em conta a sua relação com as religiões.” (CUNHA, 2017, p. 219). E é nas redes sociais que o campo religioso disputa ainda mais espaço com suas variadas denominações. No *Facebook* e no *YouTube*, por exemplo, as páginas são oficiais, não oficiais, criadas e mantidas por instituições, por apoiadores e simpatizantes das lideranças religiosas. Nesse contexto, grupos religiosos de vertente evangélica estão em maior evidência, especialmente em mídias noticiosas sobre mídia, religião e política (CUNHA, 2017), temáticas abordadas no vídeo em análise neste artigo.

Nesse sentido, com a finalidade de identificar os sentidos produzidos pelo discurso do pastor Silas Malafaia, analisamos, segundo a Análise de Discurso de orientação francesa, o vídeo *Governo coloca ideologia de gênero no Enem* (8'52'')¹, publicado em seu canal oficial no *YouTube*, em sua página no *Facebook* e na página “Admiradores do pr. Silas Malafaia”², no *Facebook*. Ao buscar o pastor na rede social, muitas páginas são disponibilizadas ao internauta com diferentes nomes. É considerada oficial a página Pastor Silas Malafaia (Figura Pública) na qual a declaração de autoria atesta que a página é “Administrada pela Assessoria de Imprensa do Pr. Silas Malafaia”³.

No vídeo *Governo coloca ideologia de gênero no Enem*, o pastor aborda a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), realizada nos dias 24 e 25 de outubro de 2015. A prova teve grande repercussão por abordar assuntos do campo feminista. Grupos progressistas aplaudiram a iniciativa, enquanto segmentos conservadores acusaram o governo de promover uma doutrinação ideológica por meio do exame. Uma das questões da prova daquele ano, a de número 5 (Figura 1), apresentou um excerto de autoria de Simone de Beauvoir, retirado de sua obra *O segundo sexo*. A escritora francesa refletiu, décadas atrás, a respeito da condição da mulher.

QUESTÃO 05 ◇◇◇◇◇

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)

- A** ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- B** pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- C** organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- D** oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.
- E** estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

Figura 1 – Questão 5 da prova do Enem de 2015

Fonte: INEP/ MEC (2015a, p. 3).

¹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x4HEOO6GS94>. Acesso em: ago. 2019

² Disponível em: <https://www.facebook.com/AdmiradoresSilasMalafaia/>. Acesso em: ago. 2019.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/SilasMalafaia/>. Acesso em: ago. 2019.

A questão geradora de polêmica reproduz o seguinte trecho da escritora francesa Simone de Beauvoir: “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.” (BEAUVOIR, 1980, p. 9, grifo nosso). No decorrer do vídeo, o pastor elenca vários argumentos para se contrapor à fala de Beauvoir, retomando o primeiro enunciado da citação.

Santos (2010) resgata a trajetória da escritora francesa Simone de Beauvoir, que nasceu em Paris em 1908 e morreu também na capital francesa, em 1986. A escritora viveu em período de transformação social, marcado por duas grandes guerras mundiais e por toda a evolução da sociedade do século 20. Antes de Beauvoir, a questão da mulher era tratada por ciências como a Biologia, a Psicanálise e a História. Foi a escritora, como filósofa existencialista, que inaugurou a discussão da mulher como um processo social de construção da identidade feminina, ou seja, o *gênero*.

Sua análise é profunda. Aponta tanto a opressão que pesa sobre as mulheres, quanto as suas dificuldades em se desvencilharem dos laços que as prendem a tal servidão. Beauvoir entende que a mulher assumiu, ao longo dos tempos, o lugar do outro, da pura alteridade com valoração negativa, cuja identidade é determinada pelo homem. (SANTOS, 2010, p.116)

O tema da redação foi **A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira**. Os textos motivadores traziam dados estatísticos da violência contra a mulher, tipos de violência relatados pelas vítimas, cartaz de protesto e o impacto da Lei Maria da Penha (INEP/ MEC, 2015b, p.2).

A respeito da questão 5 (Figura 1), o pastor Silas Malafaia gravou o vídeo *Governo coloca ideologia de gênero no Enem*, com duração de 8’52”, e o publicou em seu canal oficial no *YouTube* em 14 de novembro de 2015 e em sua página pessoal do *Facebook*. Em agosto de 2019, após quase quatro anos de sua divulgação, o vídeo no *YouTube* contava com mais de 24 mil visualizações; cerca de 100 comentários; mais de 1.600 curtidas (*likes*, gostei); e havia apenas 150 “não gostei” (*deslike*). Os números demonstram que o material tem sido bem recebido e aprovado pela grande maioria dos avaliadores.

2 SILÊNCIO, ATO FALHO E IDEOLOGIA DE GÊNERO

No vídeo, que transcrevemos grafematicamente para a análise, o pastor não contextualiza a questão do Enem discutida por ele, a qual é debatida sem ter sido reproduzido seu enunciado ou suas alternativas. Ele também não apresenta a escritora francesa Simone de Beauvoir, autora da frase polêmica, a quem ele chama de “*uma filósofo [sic], uma feminista*”. A ausência de apresentação da escritora francesa e da contextualização da frase no exame consiste em um esquecimento (PÊCHEUX, 1995), um lapso de memória (FREUD, 1916). Como a prova do Enem foi um fato marcante daquele momento, tendo repercutido nas mídias, supõe-se que os ouvintes do vídeo tenham conhecimento da questão. Isso pode ter levado o sujeito falante ao julgamento de ser desnecessário apresentá-la em seu vídeo, por entender tratar-se de uma informação que já faz parte do domínio discursivo de que ele e seus interlocutores participam, pois

“o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva.” (ORLANDI, 2015, p. 83).

Também podemos entender esse não dito como um silêncio (ORLANDI, 2015), mais especificamente como um silêncio local, a censura, silêncio relativo a “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (ORLANDI, 2015, p. 83). Isso porque, no discurso religioso de viés conservador, é proibido dizer que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Outro esquecimento (PÊCHEUX, 1995) ou lapso de memória (FREUD, 1916) ocorre no discurso do pastor: ele não cita o Partido dos Trabalhadores (PT), mas ao usar os termos *comuna* e *petralha*, vinculados ao partido por meio das mídias digitais nacionais, com viés depreciativo, cria efeitos de sentido de rejeição e também de ódio ao PT e à esquerda. Essa substituição de termos, segundo Silva et al. (2011), configura-se como um recurso utilizado no discurso de ódio para persuadir o interlocutor a acreditar naquilo que é dito. Essa polarização (nós x eles; direita x esquerda; gente de bem x petralha) é reflexo do que temos assistido no Brasil nos últimos anos: confrontos físicos e virtuais entre grupos políticos conservadores e progressistas, em um contexto alimentado e retroalimentado pelo Congresso Nacional, pela mídia, pela igreja e por outras instituições.

Se apresentasse Simone de Beauvoir, sua frase polêmica ou o partido, o discurso do pastor Silas Malafaia poderia gerar outros efeitos de sentido. Assim, podemos admitir que o esquecimento, nesse caso, não é sem intenção, ainda que inconsciente, porque, como Freud mesmo disse: “nos basta o fato de a intenção se haver denunciado por meio do esquecimento” (FREUD, 1916, p. 79), ou seja, esse ato falho revela o desejo inconsciente de apagar a prova, a citação e a escritora não somente do discurso do sujeito falante, mas da memória de todo o auditório.

Considerando que “os atos falhos parecem revelar sentido próprio” (FREUD, 1916, p. 41), o esquecimento do pastor pode manifestar sua falta de consideração pela figura de Beauvoir, buscando anulá-la em seu discurso, assim como o faz com a questão. O ato falho significaria o desejo do falante de apagar da História recente a prova do Enem e, com isso, metaforicamente apagar da sociedade a discussão de gênero. Para Freud (1916), o lapso verbal pode apresentar um propósito difamatório. Tal objetivo pode ser direcionado facilmente ao ato falho do pastor: difamar tanto o exame quanto a escritora citada nele. Difamando-os, ele retira deles seu valor social, seu teor de verdade, passando a ser desacreditados por aqueles que aceitam o discurso do pastor.

O texto do pastor Silas Malafaia inicia-se assim: “*Preste atenção pra esse negócio. Saiu na prova do Enem, né... uma filósofo, uma feminista, né... Ela diz que ninguém nasce mulher, torna-se mulher*” (MALAFAIA, 2015). Já nesse primeiro enunciado, o sujeito-falante apresenta sua opinião a respeito do tópico em pauta, mostrando-se contrário à discussão de/sobre gênero, pejorativamente denominada por ele *ideologia de gênero*. O termo, de cunho depreciativo, é utilizado no discurso religioso e político-conservador para se referir aos estudos de gênero, que são relativos a um longo processo nacional e internacional de “*promoção da equidade entre os gêneros e para o respeito à diversidade sexual*, no qual o papel da educação é visto como essencial para se atingir esse objetivo.” (REIS; EGGERT, 2017, p. 14, grifos nossos). Não se trata de algo restrito à identidade de gênero, como dá a entender a afirmação do pastor no excerto que segue. Os estudos de gênero discutem também o papel de homens e mulheres na sociedade,

buscando a equiparação salarial e de igualdade de condições de trabalho e de vida. Esses estudos combatem a violência de gênero, seja contra a mulher, seja contra gays, lésbicas, transgêneros ou outros. Ademais, defendem os direitos da mulher em relação a seu corpo e a sua identidade.

A não concordância de gênero (*uma filósofo*), do ponto de vista discursivo, representa um ato falho configurado como um *lapso verbal* (*Versprechen*), “que ocorre quando alguém, pretendendo dizer uma palavra, diz outra em seu lugar” (FREUD, 1916, p. 2). O pastor queria ter dito *filósofa*, mas disse *filósofo*, não marcando a distinção de gênero entre o artigo *uma* e substantivo *filósofo*. Nesse caso, por meio desse lapso linguístico, o falante afirma algo que não pretendia expressar de forma intencional, porque o discurso estava no nível do inconsciente, e de lá foi relevado de modo espontâneo no discurso.

O pastor Malafaia trai-se ao não realizar a concordância de gênero, já que esse sistema regulador da língua estaria em acordo com seu discurso de que homens e mulheres seriam diferentes e determinados pela natureza, isso já em seu nascimento. Logo, ao não tecer a relação de gênero no enunciado, ele faz crer não haver essa ambivalência entre feminino e masculino, que para ele seria natural. Com isso, engendra-se um efeito cômico (FREUD, 1916), porque o falante mostra concordar inconscientemente com a inexistência de distinção natural de gênero, algo que ele afirma conscientemente discordar. Nesse caso, “a manifestação soa aí como uma contração ou redução, como uma condensação de várias frases em uma só” (FREUD, 1916, p. 43).

Todavia, nas últimas décadas, difundiu-se, mais intensamente na Europa e na América Latina, a existência de uma *ideologia de gênero*, cuja origem pode ser encontrada “no seio da Igreja Católica, mais especificamente nos textos [de 1997] do então cardeal Joseph Aloisius Ratzinger” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 726), mais conhecido hoje como Papa Emérito Bento XVI. A essa “guerra ideológica” católica se juntaram outras denominações religiosas, especialmente evangélicas e, também, grupos políticos mais conservadores, que passaram a nomear a perspectiva de gênero de *ideologia* e apresentá-la como a mais radical forma de ideologia (SCALA, 2011), porque sua imposição seria o aniquilamento do ser humano por meio da eliminação da família (SCALA, 2011). Assim, aqueles que se opõem à *ideologia de gênero* defendem uma visão tradicional e conservadora da família, que seria estruturada patriarcalmente, sendo o homem o centro da família, o provedor e protetor; à mulher caberia a função de reprodutora, de cuidadora do lar e dos filhos. Essa visão mais conservadora prevalece nas mídias noticiosas e religiosas (CUNHA, 2017), evidenciando uma perspectiva hegemônica sobre temáticas como família, controle e libertação dos corpos, estado laico, liberdade de crença e outros (CUNHA, 2017).

Para Scala (2011), a *ideologia de gênero* seria mais sutil, porém mais perigosa que o marxismo e o nazismo, pois essa ideologia teria um discurso ambíguo e enganoso (SCALA, 2011). Tratar-se-ia, para o autor, de uma perspectiva falsa e antinatural (SCALA, 2011). Essa perspectiva de oposição é contrária às ideias feministas, ao ensino de sexualidade (educação sexual) nas escolas, ao casamento homoafetivo, ao reconhecimento de identidades não heterossexuais e temas afins (MISKOLCI; CAMPANA, 2017), tomados como vícios da natureza, como desrespeito às regras naturais e divinas. Na sequência do texto, o pastor lembra que

eu... nesses últimos seis anos... debati em audiências públicas... sabe... com o ativismo gay eles afirmando... não é... que o cara nasce gay... e agora... a ideologia de gênero diz que ninguém nasce nem masculino nem feminino... nem menino... nem menina... nem homem... nem mulher... (MALAFAIA, 2015, s.p.)

O sujeito falante associa a fala de Beauvoir à *ideologia de gênero*, atribuindo ao discurso certas “verdades” por meio de enunciados afirmativos e do uso do verbo *ser* no presente do indicativo, como a “*ideologia de gênero é favor do sexo livre... sexo... hã!... bestial... com animais... eles são a favor... pedofilia... eles são a favor... incesto... pai com filho... irmão com irmão... homossexualismo... eles só falam disso aqui...*” (MALAFAIA, 2015, s.p., grifos nossos). Zoofilia, pedofilia, incesto e homossexualidade têm especificidades e são distintos tanto do ponto de vista da saúde quanto do ponto de vista jurídico. A inserção concatenada desses itens no discurso do pastor e o resumo dos artigos por meio da expressão “todo esse livro moral” (em “e a ideologia de gênero é a favor de todo esse lixo moral” (MALAFAIA, 2015, s.p.), em que o pastor incluiu homossexualidade, pedofilia e incesto, podem levar o interlocutor à interpretação equivocada de que se trata de uma mesma categoria. Além disso, o pastor categoriza esses itens de “vício da natureza”, colocando-os em uma mesma classe.

A zoofilia, por exemplo, é enquadrada na Classificação Internacional de Doenças (CID10) no item *Parafilia*, que trata de alterações e transtornos da sexualidade. A homossexualidade não é considerada doença e, no Brasil, nem crime. Ela foi retirada da lista de doenças, em nível internacional, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 17 de maio de 1990, mas em muitos países a homossexualidade era encarada, bem antes disso, como uma questão de opção sexual. Hoje, a homossexualidade, assim como a bissexualidade, é definida como uma orientação sexual do indivíduo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999). Já a pedofilia, além de ser considerada doença pela CID 10 no item Transtornos da Preferência Sexual, pode gerar condenação penal.

A pedofilia em si não é crime, no entanto, o código penal considera crime a relação sexual ou ato libidinoso (todo ato de satisfação do desejo, ou apetite sexual da pessoa) praticado por adulto com criança ou adolescente menor de 14 anos. Conforme o artigo 241-B do ECA é considerado crime, inclusive, o ato de “adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente.” (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, s.d., s.p.)

Ao associar o debate sobre gênero a outras situações, como pedofilia, o pastor Malafaia revela um discurso do senso comum, o qual gera em seu auditório, formado em geral por pessoas vinculadas à igreja evangélica neopentecostal, efeitos de sentido de indignação, de repulsa e de protesto. Esse efeito de sentido emerge do posicionamento ideológico do pastor que se materializa em sua linguagem. A não contextualização das informações colabora para isso. Também contribui para esse efeito a afirmação de que, na opinião do pastor, os adeptos da *ideologia de gênero* “*são a favor... pedofilia... eles são a favor... incesto... pai com filho... irmão com irmão...*”.

Na verdade, a perspectiva de gênero não defende zoofilia, pedofilia ou incesto, como alega o pastor. A perspectiva de gênero busca “a erradicação das iniquidades de gênero, que fazem uma distinção binária entre masculino e feminino, relegando o feminino a um plano inferior, estabelecendo papéis inflexíveis de gênero para o masculino e o feminino que apenas servem para reforçar as desigualdades [...]” (REIS; EGGERT, 2017, p. 20). Com isso, visa à promoção de da equidade “em que masculino e feminino tenham condições de estar em pé de igualdade, inclusive para combater as violências contra o gênero feminino, consideradas por alguns como inelutáveis ou inerentes à condição masculina” (REIS; EGGERT, 2017, p. 21). No seguinte trecho, Malafaia afirma que

[...] o Conselho Federal de Psicologia... HÃ... que proibiu que um camarada que não se sente em com o comportamento que tem ser tratado por um psicólogo... e inventaram e a imprensa caiu nessa esparrela de cura gay... sabe?... e agora como é que fica o Conselho Federal de Psicologia... hein?... (MALAFAIA, 2015, s.p.)

O pastor traz à tona um discurso de doença para a homossexualidade, pois, a se ver, esse traço de sexualidade deveria ser tratado por psicólogos, o que vai contra o Conselho Federal de Psicologia (1999). De acordo com o Conselho (1999, p. 1), a homossexualidade “não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”; por conseguinte, o sujeito homossexual não deve receber tratamento psicológico, já que esse é um profissional da saúde. Ao ir contra o Conselho, o pastor, que é formado em Psicologia, afasta-se do discurso médico e científico, buscando alicerçar seu discurso no senso comum e em ideias há muito ultrapassadas.

3 DISCURSO DA NATUREZA, DISCURSO POLÍTICO E DISCURSO DE ÓDIO

O texto audiovisual do pastor Silas Malafaia é constituído por três principais traços discursivos. Primeiro, o discurso da ordem natural e biológica das coisas, ou seja, o discurso da natureza; já o segundo é marcado por um discurso político; e o terceiro por um discurso de ódio. Naquele discurso, os efeitos de sentido são interpretados a partir da definição do papel do homem e da mulher como algo inerente ao ser humano, e não como um constructo social. Nesse contexto, o comportamento social é uma consequência da própria natureza. Por sua vez, o discurso político aborda a defesa de posições que passam por um viés ideológico marcadamente partidário, ou seja, o discurso político, nesse sentido, é uma defesa partidária de propostas conforme as agremiações políticas que as apresentam. Já o discurso de ódio manifesta-se na busca de segregação entre o grupo evangélico, das “pessoas de bem” e os “esquerdopatas⁴”, os defensores da *ideologia de gênero*. Também se projeta por meio da qualificação negativa desses sujeitos e no desejo de erradicá-los da política brasileira.

⁴ Neologismo pejorativo resultante da junção de “esquerda” com sufixo relativo a “patia”, doença. É uma gíria, que, segundo o discurso do senso comum, refere-se ao sujeito que defende a posição política à esquerda contra evidências de corrupção. É “utilizado para se referir aos que têm posição política à esquerda, vinculando-os a uma patologia ou doença mental grave.” (CESAR; CUNHA, 2018, p.13).

O discurso da natureza, o primeiro traço discursivo marcante no texto do pastor, produz no material analisado um efeito de sentido de ordem natural das coisas. Para o sujeito falante, a pessoa nasce homem ou mulher, não cabendo dúvidas nem ambiguidade: “*que conversa é essa que ninguém nasce masculino ou feminino?... a criança quando nasce... isso aqui é ciência... tem uma predisposição de herdar características psicológicas do sexo que veio*” (MALAFAIA, 2015, s.p.).

Na argumentação, para reforçar a dualidade homem/mulher, Malafaia apropria-se do discurso científico – “*isso aqui é ciência*” – para provar a tese de que o ser humano nasce menino ou menina. No entanto, ele não apresenta suporte material (estudos científicos) para provar sua tese. A defesa da ideia é feita apenas com sua palavra e a autoridade de religioso. A mesma ciência que o pastor nega, na questão de gênero, é usada para legitimar seu discurso.

...o que existe é **macho e fêmea...** o resto... o resto?... é **vício contra a natureza... a natureza do macho e a natureza da fêmea...** que eles se completam... a sexualidade nas diferentes espécies... eu tenho dito aqui no programa... **isso é ciência...** cumpre três funções... principais... e na humana também... **TÁ...** nas diferentes espécies e na humana... ok?... dualismo... complementariedade e fecundação... **TÁ...** (MALAFAIA, 2015, s.p., grifos nossos)

[...] uma prova do Enem querendo induzir que ninguém nasce **macho e fêmea...** **HÃ...** nasce o quê?... é **interplanetário?...** que que nasce?... a questão biológica... **HÃ...** a questão da predisposição... a questão hormonal... **QUE QUE É ISSO?... É HOMEM?...** homem fica menstruada por algum acaso? homem tem variações hormonais como a mulher?... as mesmas/os mesmos hormônios funcionam no homem e na mulher?... [...] (MALAFAIA, 2015, s.p., grifos nossos)

A dualidade homem/mulher surge em outro trecho quando o pastor questiona novamente o posicionamento de que ninguém nasce mulher: “[...] uma prova do Enem querendo induzir que ninguém nasce macho e fêmea... **HÃ...** nasce o quê?...”. Neste trecho, o pastor não utiliza os termos *homem* e *mulher*, mais vinculados à esfera social, porém *macho* e *fêmea*, mais comuns no discurso da natureza, da biologia, da botânica e da zoologia.

É importante ressaltar que, no enunciado da questão do Enem, a escritora Simone de Beauvoir trata da mulher e da construção social (“o conjunto da civilização”) que produz o feminino, e não de sua formação biológica. Contudo, essa informação não foi apresentada pelo sujeito falante em seu discurso. Logo, o esquecimento colabora, aqui, para reforçar a tese afirmada pelo pastor, que insiste textualmente em abordar o masculino juntamente com feminino, como se fizesse parte da questão do Enem, e cujo discurso gera um efeito de sentido de confusão, que poderia ser dissipado caso ele apresentasse o texto de base.

O mesmo traço discursivo – o da natureza – repete-se em outro trecho, mas, desta vez, o pastor lança questionamentos, reproduzindo o discurso do senso comum. Tais questionamentos em nível discursivo geram efeito de sentido de diferenças entre os sexos, determinadas obrigatoriamente pelo nascimento e por questões hormonais e fisiológicas. Ao empregar o termo *interplanetário*, o pastor dá a entender que o sujeito homossexual

ou o sujeito transgênero (aquele que não se entende como pertencente a seu gênero de nascimento; contrário de cisgênero) seria um ser estranho, no sentido de estrangeiro, de extraterreste. Tal visão pejorativa colabora para a construção de um discurso empregado por achismos e pré-concebidos: o pastor enxerga tais aspectos relativos à sexualidade como “vícios contra a natureza”, ou seja, como elementos anormais. Vício é carregado de sentido negativo, sendo definido no dicionário como: “dependência física e/ou psicológica de determinada substância ou prática”, “costume, mania”, “defeito capaz de incapacitar uma pessoa ou uma coisa para determinada atividade”, “costume moralmente censurável; DEVASSIDÃO; LIBERTINAGEM”, “costume nocivo à saúde ou ao convívio humano” (AULETE DIGITAL, 2019, s.p., grifos no original). Portanto, no discurso do pastor, o sujeito homossexual ou transgênero pratica ações nocivas, devassas, libertinas, e moralmente condenáveis.

Para Butler (1986, p. 35, tradução nossa), “a formulação de Simone de Beauvoir distingue sexo de gênero e sugere que gênero é um aspecto de identidade gradualmente adquirido.”⁵ Essa afirmação é fundamental para o movimento feminista e para a desconstrução do discurso de que, naturalmente, os seres humanos são homens ou (ou com único valor de exclusão) mulheres biologicamente determinados em sua formação no ventre materno. Para Butler (1986, p. 35, tradução nossa grifos no original), a partir de Beauvoir, “*sexo* é entendido como aspectos invariantes, anatomicamente distintos e relativos ao corpo feminino, enquanto *gênero* é o significado cultural e a forma que o corpo adquire, os modos variáveis de aculturação do corpo.”⁶ Com isso, segundo o ponto de vista de Beauvoir (1980) e de Butler (1986), a questão de gênero sai do discurso da natureza e passa a figurar no discurso da identidade, porque não “podemos nos referir significativamente ao comportamento de gênero natural ou não natural: todo gênero é, por definição, não natural.”⁷ (BUTLER, 1986, p. 35, tradução nossa).

Ainda sobre a afirmação de Beauvoir, Butler (1986) considera que há ambiguidade no verbo *tornar-se*, de modo que se tornar mulher não é apenas uma imposição da identidade, mas a construção intencional e adequada de ser uma mulher. Trata-se, como disse a autora, da conquista de uma habilidade que culmina na apresentação de um estilo e significado do corpo feminino.

A ambiguidade presente no “torna-se mulher” como parte do gênero, em um processo de construção social, não encontra ressonância no posicionamento discursivo do pastor Silas Malafaia. Os efeitos de sentido (deterministas) gerados pelo discurso da natureza, “nasce-se homem ou mulher”, com toda a predisposição psicológica do sexo biológico, não permitem a ambiguidade sustentada por Beauvoir no papel definido socialmente para a mulher.

⁵ Original inglês: “Simone de Beauvoir's formulation distinguishes sex from gender and suggests that gender is an aspect of identity gradually acquired.”

⁶ Original inglês: “Sex is understood to be the invariant, anatomically distinct, and factic aspects of the female body, whereas gender is the cultural meaning and form that body acquires, the variable modes of that body's acculturation.”

⁷ Original inglês: “and neither can we refer meaningfully to natural or unnatural gendered behavior: all gender is, by definition, unnatural.”

Associado ao discurso da natureza, ou seja, de que o ser humano é naturalmente homem ou mulher segundo uma predeterminação biológica e natural, aparecem com força significativa traços do discurso político no texto do pastor Silas Malafaia. Ele não chega a nominar diretamente partido político, mas associa a ideologia de gênero a projetos do Governo Federal, via Ministério da Educação, o qual desenvolve o Enem, e à esquerda brasileira, a quem nomina de “esquerdopatas”, gerando efeito de sentido de doentes, visto que “patia”, do grego *páthe*, exprime a noção de doença, sofrimento e infortúnio e também de paranoia, porque os adeptos da nomenclatura acreditam que os “esquerdopatas” apresentam distúrbios psicológicos (CESAR; CUNHA, 2018).

...a ciência não tem nada a ver com ideologia... ideologizaram... os **esquerdopatas...** o Conselho Federal de Psicologia... HÃ... que proibiu que um camarada que não se sente bem com o comportamento que tem ser tratado por um psicólogo... e inventaram e a imprensa caiu nessa esparrela de cura gay... sabe?... e agora como é que fica o Conselho Federal de Psicologia... hein?... QUE VERGONHA... hã e **esses esquerdopatas...** que a ideologia de gênero é a destruição da família pra uma massa de informes pra ser manipulada por uma elite política... (MALAFAIA, 2015, s.p., grifos nossos)

Na argumentação de que o sexo é definido biologicamente no nascimento, o pastor Silas Malafaia afirma que a pessoa não nasce homossexual, nem pedófila, nem incestuosa, mas que esses são *vícios da natureza*, adquiridos em vida (MALAFAIA, 2015): “*e a ideologia de gênero é a favor de todo esse lixo moral... eles não falam porque a sociedade rejeita*” (MALAFAIA, 2015, s.p.). Para o pastor Malafaia, eles são os “esquerdopatas”, ou seja, são pessoas doentes que se vinculam a uma política partidária de esquerda.

O viés político do discurso do pastor apresenta também elementos do debate eleitoral, na medida em que ele conclama os fiéis a não votarem em candidatos favoráveis à “ideologia de gênero”, ou seja, a não votarem em nomes da esquerda. Como efeito de sentido lógico, fica o pedido de voto em candidatos conservadores da direita. Ademais, cria-se uma oposição entre o “povo de bem” (evangélicos⁸ e demais que se opõem à “ideologia de gênero”) e “cambada, petralha, esquerdopata” (a favor da “ideologia de gênero”). Essa oposição bem marcada leva o interlocutor a se posicionar em relação ao tema: quanto mais se deseja ser entendido como “povo evangélico, povo cristão, povo de bem” mais longe se manterá discursivamente daqueles considerados do “mal”, haja vista que se não é do bem, é do mal. No discurso religioso, pode-se inferir que “ser do bem” é estar atrelado a tudo que é de Deus, porque Deus é o bem; e “ser do mal”, ao que é do diabo, pois ele é o próprio mal, de quem o evangélico deve se afastar. Logo, ser a favor da ideologia de gênero ou ser homossexual é estar em conformidade com as coisas do diabo; portanto, longe de Deus.

gente... povo evangélico... povo cristão... gente de bem... nós temos que **varrer** essa cambada **de comuna... de petralha, de esquerdopata...** pelo viés democrático do voto... tem que **varrer** essa gente da política brasileira que quer destruir a família... que quer destruir valores... cuidado na hora de você votar... (MALAFAIA, 2015, s.p.)

⁸ “Entenda-se por evangélicos no Brasil todos os fiéis da religião cristã não pertencentes às confissões Católica Romana e Ortodoxa.” (CUNHA, 2017, p. 220).

Neste excerto, o locutor cria uma oposição marcante: “nós” e “eles”, conferindo atributos particulares a cada grupo (Quadro 1). A oposição criada designa ao “nós” aspectos positivos, de religiosidade (povo evangélico), de cristandade (povo cristão), bondade (gente de bem); e ao “eles”, de doença (“esquerdopata”⁹), de desonestos (“petralha”¹⁰) e de comunistas (“**comuna**”). Ao mesmo tempo, ao cruzar os sentidos, o contraste criado agrega ao sujeitos designados por “eles” os valores de não religioso (ateu), anticristão, gente do mal; e aos indivíduos pertencentes ao grupo do “nós”, valores de direita (contrário a “esquerdopata”), honesto (contrário a “petralha”), capitalismo (contrário a comunismo).

NÓS (valores positivos)	ELES (valores negativos)
Povo evangélico	Comuna
Povo cristão	Petralha
Gente de bem	Esquerdopata
Capitalismo	Povo não evangélico
Honesto	Povo não cristão
Direita	Gente do mal

Quadro 1 – Oposições causadas no discurso de Silas Malafaia

Fonte: Os autores.

Do ponto de vista discursivo, o pastor Malafaia apela paradoxalmente para o sentimento cristão por meio de um discurso de ódio, o qual é manifestado por meio do uso repetido do verbo *varrer* (“nós temos que **varrer** essa cambada de comuna... de petralha, de esquerdopata... pelo viés democrático do voto... tem que **varrer** essa gente da política brasileira”) e pelo emprego de vocábulos de valor negativo (“...vai aparecer esse **lixo**... essa **podridão** toda”; “essa cambada de comuna... de petralha, de esquerdopata...”). O desprezo ao grupo da esquerda manifestado pelo discurso do pastor caracteriza-o como sendo um discurso de ódio, o qual pode ser definido genericamente como aquele cujas palavras “tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude

⁹ Neologismo resultante do acréscimo do sufixo *pata*, designativo de doença, ao termo *esquerdo*, referente à posição política de esquerda.

¹⁰ Neologismo pejorativo resultante da contração entre *PT*, de partido dos trabalhadores, e *metralha*, alusão aos Irmãos Metralha, três irmãos presidiários que perseguem a fortuna de um personagem rico, o tio Patinhas. Esses personagens de história em quadrinhos geralmente estão vestidos com uniforme prisional, incluindo a placa com seu número de identificação, e são considerados desonestos e enganadores. Por analogia, *metralha* é referente a ladrão, bandido. O termo *petralha* (variação *petralhada*) foi cunhado pelo jornalista Reinaldo Azevedo (2016) e, originalmente, refere-se àquele “que justifica o roubo de dinheiro público em nome da construção do partido, supostamente interessado no bem coletivo.” (AZEVEDO, 2016, s.p.). Atualmente, *petralha* é um adjetivo pejorativo relativo a algo ou pessoa “que, sem nenhum escrúpulo, não vacila em cometer todo e qualquer ato marginal à lei, como usurpar, mentir, extorquir, ameaçar, chantagear, roubar, corromper, ou que defende com ardor ladrões, corruptos, usurpadores, mentirosos, cínicos, extorsionários, chantagistas etc. que, porém, posam de gente honesta e defensores intransigentes da ética”, “sórdido, nojento, asqueroso, canalha, calhorda” (SACCONI apud AZEVEDO, 2016, s.p.).

de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas.” (BRUGGER, 2007, p. 118). Também se configura como marca do discurso de ódio a incitação à ideia de que os “outros” do discurso são perigosos (WALDRON, 2010).

Segundo Silva et al. (2011), o discurso de ódio instiga e potencializa atitudes de violência, ódio ou discriminação. Seus interlocutores “são chamados a participar desse discurso discriminatório, ampliar seu raio de abrangência, fomentá-lo não só com palavras, mas também com ações.” (SILVA et al., 2011, p. 448). Com isso, outro contraste se manifesta: se o grupo das “pessoas de bem” revela-se por meio de um discurso de ódio, o bem, na verdade, é um mal.

Ainda, “pode-se dizer que o discurso é tanto mais nocivo quanto maior o poder difusor de seu meio de veiculação.” (SILVA et al., 2011, p. 449) e mais danoso ele é se for publicado e se, por isso, puder permanecer acessível (WALDRON, 2010). Sendo as mídias digitais muito disseminadas, o vídeo do pastor Malafaia certamente teve grande poder difusor, o que pode ser comprovado pelo fato de o vídeo ter sido publicado em mais de uma mídia (canal do pastor no *YouTube*, sua página oficial no *Facebook* e em página de admiradores) e também ao alcance do material (24 mil visualizações, cerca de 100 comentários e mais de 1600 curtidas).

Os termos *comuna*, *petralha* e *esquerdopata* – do discurso político, com viés eleitoral – surgem novamente mais adiante quando o pastor afirma que o modelo cristão da sociedade ocidental corre riscos, assim como o modelo da família tradicional. “*Nós não podemos votar em ninguém de viés de esquerdopata... de petralha... de comuna... querem detonar a família... querem detonar valores... querem detonar o paradigma do ocidente... que é o modelo judaico-cristão*” (MALAFAIA, 2015, s.p.). Ao empregar o pronome pessoal de primeira pessoa (*nós*), o pastor se insere no grupo, colocando-se também como defensor da tradicional família cristã e como um eleitor de direita, um eleitor conservador, que vota apenas em candidatos que sejam de mesma ideologia: conservadora. Isso se mostra no fato de ele ter sido, em 2018, apoiador do atual presidente do Brasil, senhor Jair Bolsonaro, político de extrema-direita, militar reformado e evangélico tradicional. Ademais, ao tratar da questão de gênero como quebra de valores, mais especificamente como valores judaico-cristãos, acionam-se ideologias, a da moral, e dessa vertente religiosa de cunho mais conservador. Além disso, traz-se subjacente o conceito de família formado apenas por casal heterossexual e filhos, excluindo-se as demais formações familiares, como as monoparentais, as homoafetivas, as de casais sem filhos e outras. Tais formações familiares seriam vistas pelo pastor como “vícios contra a natureza humana e da família”.

Ao fazer o discurso político, com viés eleitoral, é criado efeito de sentido de união do segmento evangélico, por conclamação a não votar em candidatos da esquerda. Cumpre comentar que, de acordo com Severo (2011, s.p.), os representantes da bancada evangélica no Congresso não atuam de acordo com o programa e os interesses dos partidos, “legalmente constituídos e pelos quais foram eleitos, mas sim pelas orientações religiosas que professam”. Em geral, eles legislam principalmente contra a legalização do aborto e contra o casamento homossexual e em outros temas relativos à família e à fé cristã. É o caso do vídeo em análise, cujo locutor defende abertamente tais temas,

criticando quem defende opinião em contrário. O pastor questiona os valores de quem trocaria seus valores por benefícios sociais do governo, gerando efeito de sentido de venda do próprio voto.

[...] nós não podemos votar nessa gente... isso tem que ser honra... meu irmão... trocar... trocar a... o teu princípio, os teus valores por um prato de comida... HÃ... trocar os teus princípios e teus valores tá... por bolsa-esmola... essa é uma VERGONHA... que cristão é você?... que princípios temos nós?... que valores temos nós?... (MALAFAIA, 2015, s.p.)

Outra oposição é construída nesse discurso: “nós” (evangélicos, “pessoas de bem” contra a “ideologia de gênero”) contra “essa gente” (aqueles a favor da “ideologia”). Nota-se o uso pejorativo do pronome demonstrativo “essa”, o qual funciona para diminuir, no contexto em análise, o termo a que se refere (gente a favor da “ideologia de gênero”). Por meio do emprego do pronome demonstrativo em contraponto ao emprego de pronome pessoal “nós”, o locutor distancia-se, tanto física quanto discursivamente, dos sujeitos com crenças opostas às suas.

O discurso político, conforme os argumentos elencados, pode criar diferentes efeitos de sentido. O discurso do pastor Silas Malafaia gera medo ou rejeição ao acusar o Ministério da Educação de comunista. O termo *comuna*, de viés pejorativo, é usado em vários momentos pelo pastor. Ele chega a propor a troca do significado da sigla MEC. Originalmente, o C do MEC é de Cultura, visto que, quando criado, tratava-se do Ministério da Educação e Cultura. Com o desdobramento das áreas, passou-se a ter um ministério específico para a cultura, congregada no MinC. Em janeiro de 2019, com o governo de Jair Bolsonaro, político apoiado pelo pastor Malafaia, foi extinto o Ministério da Cultura, que retornou a *da Educação*.

NÃO devia chamar MEC... NÃO... como eu vi um vídeo... é Ministério da Educação Comunista... que tem que ser chamado... é MEC NÃO... TÁ... é Ministério da Educação Comunista... o MEC... TÁ... essa sigla tem que ser isso... essa é uma vergonha... essa gente tem que ser varrida da política pelo viés democrático do voto... (MALAFAIA, 2015, s.p.)

Segundo Bobbio (2001), *direita* e *esquerda* são termos antitéticos utilizados para designar posturas doutrinárias, ideológicas e partidárias contrárias. “Fascismo e comunismo representam na história deste século a grande antítese entre esquerda e direita” (BOBBIO, 2001, p.77). Já o comunismo é um sistema político-econômico que se opõe ao capitalismo. Não há relação necessária entre esquerda e comunismo. Todavia, nos últimos anos no Brasil, tem sido comum relacionar o comunismo à posição partidária de esquerda, algo que se reflete no discurso do pastor. Não há, portanto, nenhuma base teórico-científica para tal afirmação: “é Ministério da Educação Comunista” (MALAFAIA, 2015, s.p.). Trata-se, pois, de um discurso do senso comum que promove o medo histórico do comunismo (agora vestido de esquerda) e instiga o ódio contra quem se identifica com essa orientação política.

O imaginário coletivo atribui ao sistema comunista atrocidades, decorrentes da falta de liberdades individuais e a negação pelo estado do direito à propriedade, do direito de ir e vir, entre outros. Os regimes comunistas são associados ao assassinato daqueles que

não concordam com o poder constituído, ao exílio forçado, à repressão. Quando o discurso político de Malafaia associa a *ideologia de gênero*, presente em uma prova do Enem, aos comunistas, gera efeito de sentido de medo e rejeição.

Também no discurso político o pastor Silas Malafaia cria efeito de sentido de perseguição política, por seu posicionamento contra o Governo Federal e a esquerda brasileira: “*ai você fica sabendo porque eu sou perseguido... HÃ... porque eles vivem em cima de mim... tentando me detonar... pensando que eu sou igual a eles... pensando que eu faço o que eles fazem...*” (MALAFAIA, 2015, s.p.). Na perseguição política, como efeito de sentido, o discurso de Malafaia gera outro sentido, o de missão divina, quando invoca o nome de Jesus: “*não vão prevalecer contra mim... vão ser envergonhados em nome de Jesus...*” (MALAFAIA, 2015, s.p.). Aqui, o locutor assume o papel discursivo de profeta e recorre à autoridade cristã (Jesus) para reprimir e afastar aqueles que se opõem a seu discurso.

Mais um efeito de sentido criado é a personificação de quem combate o mal: “*essa aqui que é a verdade... não tenho medo de vocês... Não tenho MEDO... NÃO tenho medo do diabo... vou ter medo de corrupto?... é RUIM... eu sei em quem eu tenho crido...*” (MALAFAIA, 2015, s.p.). Nesse trecho, o pastor dá a entender que político corrupto e diabo são temidos pelas pessoas, mas não pelo locutor. Além disso, ele coloca seu discurso como sendo a única verdade possível, *essa aqui é a verdade* (MALAFAIA, 2015, s.p.), não dando margem aos seus interlocutores para dúvidas ou questionamentos. Se essa é a verdade, e Jesus é a verdade e a vida, segundo o discurso religioso, por conseguinte Jesus e sua verdade são contra a ideologia de gênero e contra a homossexualidade. Em termos bíblicos, a ideologia de gênero não é citada na *Bíblia*, e Jesus, presente no *Novo Testamento*, não trata explicitamente dessas questões. A homossexualidade é tratada, na *Bíblia*, no *Antigo Testamento*, especialmente no livro de *Levítico*.

Na outra ponta da personificação, está a vitimização, efeito de sentido criado pelo discurso político, quando o pastor diz que o acusam de ser milionário. Para reforçar o que afirma, ele comenta que processou o jornalista a quem chama de “vagabundo”, de “bandido”.

...ok... pode me dizer... ah é o pastor... é milionário... pode.... quem tem boca fala o que quer... OK?... eu botei aqui o meu imposto de renda aqui na tela da TV... eu quero saber quem fez isso?... TÁ... quando fizeram acusação leviana de um vagabundo de um jornalista da Forbes dizendo que eu tinha 150 milhões de dólares de patrimônio... que tá sendo processado... tá sendo processado... tô esperando agora a chamada pra decisão final da juíza ou do juiz... HÃ... tô sendo... tô processando... BANDIDO... TÁ... aí fica um monte de bobalhão... não conhece a minha vida... não sabe nada... (MALAFAIA, 2015, s.p.)

O efeito de sentido da personificação de quem luta contra o mal surge novamente em outro trecho, juntamente com a missão outorgada por autoridade divina (“*em nome de Jesus*”). O discurso político do pastor Malafaia assume efeitos proféticos, porque o religioso atesta que seus adversários serão envergonhados. Assim, o locutor assume o *ethos* de profeta, de defensor dos valores judaico-cristãos.

Podem me caluniar pra produzir notícia na imprensa... pra me denegrir... agora... PROVA... que eu quero ver... por isso que não tenho papa na língua... tenho autoridade pra falar... e em nome de Jesus... tô declarando aqui profeticamente... vão ser envergonhados... (MALAFAIA, 2015, s.p., grifos nossos)

Ao engendrar o *ethos* de profeta, a autoridade discursiva do pastor é reforçada, já que ele se considera, assim, o próprio enviado de Cristo. De acordo com o *Dicionário Teológico* (ANDRADE, 1998, p. 244-245), profeta é

A pessoa devidamente vocacionada e autorizada por Deus para falar por Deus e em lugar de Deus (Ez. 2.1-10). O profeta era um mestre incontestável quando sob a inspiração do Espírito Santo. Porta-voz oficial da divindade, sua missão era preservar o conhecimento divino e manifestar a vontade do Único e Verdadeiro Deus. [...].

Com o tempo, agregou-se ao termo profeta o sentido de *arauto*, *orador*, justamente por o profeta ter a função de mensageiro. Na Idade Média, arauto era o oficial responsável por fazer as publicações solenes, por anunciar a guerra e também a paz (AULETE DIGITAL, 2019, s.p.). Ele era o mensageiro do rei a seus súditos (AULETE DIGITAL, 2019, s.p.). Metaforicamente, o arauto é um mensageiro de Deus aos homens. Assim, ao apresentar o *ethos* de profeta, o pastor assume-se como o próprio mensageiro de Cristo. Logo, ao dizer que políticos de esquerda e jornalistas serão envergonhados, muitos daqueles que creem em suas palavras acreditarão que tal “profecia” se realizará, pois o locutor é um profeta, portanto uma “pessoa que tem o dom de prever o futuro, por inspiração de Deus” (AULETE DIGITAL, 2019, s.p.).

Vale destacar que o teor religioso do discurso do pastor prevalece apenas no final do vídeo, em que ele usa traços linguísticos do discurso religioso, mais especificamente o nome de Jesus e de Deus, invocando, assim, um efeito de sentido de autoridade e de proteção para si mesmo, porque fala em nome do Divino. Seu discurso ganha força devido à evocação de um poder místico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma argumentação com elementos do senso comum, baseada apenas na palavra de autoridade do pastor, o texto de Silas Malafaia no vídeo *Governo coloca ideologia de gênero no Enem* revela três discursos que se mostram significativos por seus elementos históricos e ideológicos.

Primeiro, o discurso da natureza, pelo qual a pessoa nasce homem ou mulher e suas características físicas e psicológicas são definidas pelo sexo, ou seja, pelos genitais femininos ou masculinos. Esse discurso respalda-se no determinismo biológico para definir o que é homem e o que é mulher no seio da sociedade, sem considerar o processo social de construção da identidade, seja do indivíduo seja do coletivo.

Segundo, o discurso político que ataca o Governo Federal e a esquerda brasileira, que defendem projetos de identidade de gênero. O discurso político que emerge – como necessário para “varrer” a esquerda do poder – está associado à direita e a um projeto

conservador de sociedade. Esse traço discursivo atesta a esquerda e o governo como responsáveis pela destruição de valores da família tradicional. Ainda nesse discurso, o viés eleitoral conclama os “cristãos” a não votarem em candidatos da esquerda, promovendo propaganda eleitoral.

Terceiro, o discurso do ódio vem aliado ao discurso político, por meio dos quais o locutor incita o auditório a “varrer” da sociedade tudo aquilo que se apresenta em desacordo com seus preceitos e valores. Além do mais, por meio do discurso de ódio projetado no material linguístico-discursivo do pastor, o Outro do discurso é visto como negativo, entranhado de aspectos pejorativos, que devem ser eliminados, rejeitados por todos aqueles considerados “cidadãos de bem”, o que, no caso analisado, inclui a discussão de gênero.

A questão de gênero é um debate complexo, haja vista muitos consensos científicos serem revistos e outros formulados. Esses conceitos em processo de construção assustam o viés determinista do discurso da natureza, encampado por muitos religiosos cujos dogmas são considerados inquestionáveis, já que são considerados mensageiros de Deus.

Apesar de o sujeito falante ser um pastor evangélico, ele não cita nenhuma passagem bíblica nem textos considerados sagrados para reforçar seu discurso em *Governo coloca ideologia de gênero no Enem*. Também não são citadas pesquisas científicas, ficando o discurso no campo do senso comum. Ressalta-se, no vídeo analisado, o viés político com forte base no determinismo da natureza, cujo efeito de sentido possível é a propaganda eleitoral para grupos conservadores de direita.

REFERÊNCIAS

- ARAUTO. In: AULETE DIGITAL. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/arauto>. Acesso em: ago. 2019.
- AZEVEDO, R. Segundo Washington Post, “petralha” é uma das seis palavras para entender o Brasil de hoje. *Veja*, 4 ago. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/segundo-washington-post-petralha-e-uma-das-seis-palavras-para-entender-o-brasil-de-hoje/>. Acesso em: ago. 2019.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Vol. 2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- BRASIL. INEP. MEC. *ENEM 2015: 1º dia caderno 2 amarelo*. 2015a. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2015/CAD_ENEM%202015_DIA%201_02_AMARELO.pdf. Acesso em: ago. 2019.
- BRASIL. INEP. MEC. *ENEM 2015: 2º dia caderno 5 amarelo*. 2015b. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2015/CAD_ENEM%202015_DIA%202_05_AMARELO.pdf. Acesso em: ago. 2019.
- BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio?: algumas observações sobre o direito alemão e o americano. Tradução de Maria Angela Jardim de Santa Cruz Oliveira. *Direito Público*, n.15, p.117-136, jan.-mar. 2007.
- BUTLER, J. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's *Second Sex*. *Yale French Studies*, n. 72, Simone de Beauvoir: Witness to a Century, p. 35-49, Yale University Press, 1986. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/butler-on-simone-de-beauvoir.pdf>. Acesso em: ago. 2019.

CESAR, L. de O.; CUNHA, V. C. C. #ChoremEsquerdopatas: a retórica da intransigência de Malafaia como estratégia de apoio político a Crivella na eleição municipal carioca de 2016. *Entremeios*, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p.1-14, jan.-jun. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução CFP nº 001/99, de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: ago. 2019.

CUNHA, M. do N. Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter. *C&S – São Bernardo do Campo*, v. 39, n. 3, p. 217-244, set./dez. 2017.

FREUD, S. Primeira parte: os atos falhos. (1916). In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Sergio Tellaroli; revisão da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.14-87.

MALAFIA, S. *Governo coloca ideologia de gênero no Enem*. 14 nov. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/220890121438301/videos/450116825182295/>. Acesso em: ago. 2019.

MATTOS, S. A revolução digital e os desafios da comunicação. Cruz das Almas (BA): UFRB, 2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *O que é pedofilia?* Disponível em: <http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/18-de-maio/o-que-e-pedofilia>. Acesso em: ago. 2019.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set.-dez. 2017.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PROFETA. In: AULETE DIGITAL. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/profeta>. Acesso em: ago. 2019.

PROFETA. In: ANDRADE, C. C. de. *Dicionário teológico*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998. p. 244-245.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan.-mar. 2017.

SANTOS, M. G. dos. Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. *Revista SapereAude*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.108-122, jul.-dez. 2010.

SCALA, J. *Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família*. São Paulo: Katechesis; ArtPress, 2011.

SEVERO, F. Um estado laico com bancada evangélica. *Revista Viés*, 12 dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/reportagens/2011/12/um-estado-laico-com-bancada-evangelica>. Acesso em: ago. 2017.

SILVA, R. L. da; NICHEL, A.; MARTINS, A. C. L.; BORCHARDT, C. K. Discursos de ódio em redes sociais: Jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, jul.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v7n2/a04v7n2>. Acesso em: ago. 2019.

VÍCIO. AULETE DIGITAL. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/vicio>. Acesso em: ago. 2019.

WALDRON, J. Dignity and defamation: the visibility of hate. *Harvard Law Review*, v. 123, p.1596-1657, 2010. Disponível em: https://harvardlawreview.org/wp-content/uploads/pdfs/vol123_waldron.pdf. Acesso em: ago. 2019.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.